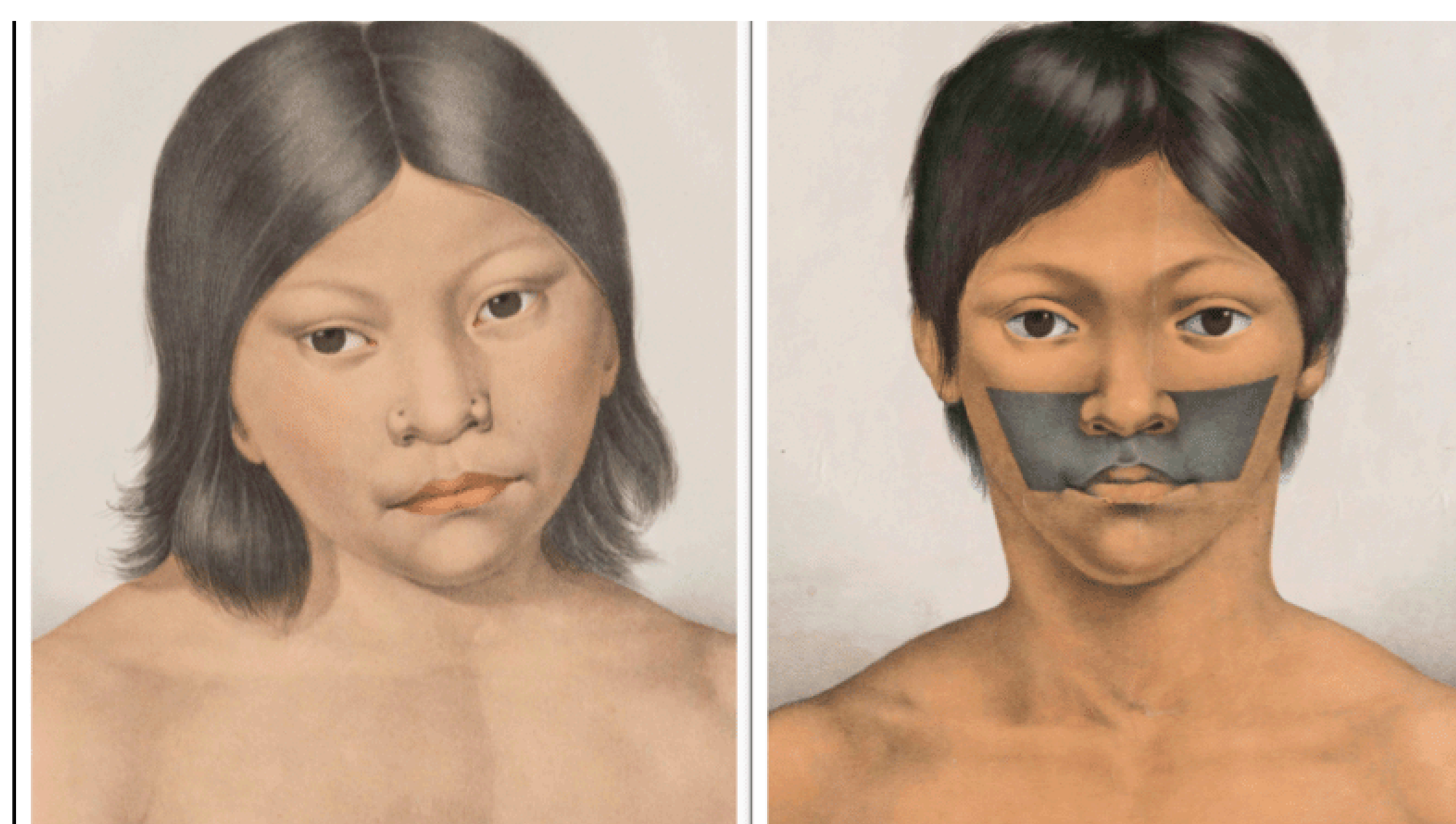


Realização



Apoio



# A VOZ DO MORTO

Luto e vingança em *O som do rugido da onça*

Morgana Feijão Fernandes (UnB)

Orientador: Prof. Dr. Anderson da Mata

## 01 INTRODUÇÃO

Deixe-me calçar você nesses sapatos: você, pessoa brasileira, está em uma exposição sobre 500 anos do seu país e se depara com a imagem desenhada de duas crianças indígenas. Quem escreveu os textos da curadoria informa que essas crianças foram levadas, como parte da fauna brasileira, pelos botânicos Spix e Martius para o que viria a se tornar a Alemanha. Lá, as crianças morreram. Seus nomes reais perderam-se no tempo, são conhecidas como Isabella (a criança miranha) e Johann (a criança juri). Nenhuma palavra além do mero informe, nenhuma revolta, nem mesmo uma simples alfinetada. Você não conhecia essa história, agora você a conhece. Se tivesse que contá-la, que voz você usaria? Esse trabalho busca compreender a elaboração da voz narrativa de *O som do rugido da onça* (2021), de Micheline Verunsch, como a de uma narradora que pranteia e que procura a impossível vingança na literatura.

## 02 A VOZ DOS MORTOS

Existem muitos narradores: personagens, observadores; os que sabem tudo e todos os pensamentos, os que sabem apenas uma parte; o camponês sedentário e o marinheiro comerciante; os que mentem, os que desconfiam, os que são desconfiados. É possível fazer misturas. É possível ser uma narradora onisciente de vozes misturadas: uma criança, uma adulta, uma onça, um rio. A voz que narra o romance de Verunsch é “(...) uma voz muito velha que se eleva de uma sepultura congelada” e “(...) que é da infância que essa voz brota, nasce e se levanta”.

O romance acompanha Iñe-e (nome inventado para a criança que não sabemos como se chamava), Josefa, Spix, Martius, a rainha Karoline, o rio Isar e sua voz feminina. O romance abocanha seus personagens e os transfigura em uma narradora que conhece, desconfia, imagina e pressente os pensamentos e sentimentos de cada um. Quem narra – uma mistura moldável a cada instante, instável, a voz da sepultura, a voz que é da infância, a voz do morto, a voz da Onça Grande – não se isenta. O que é feito com as crianças indígenas é percebido com ódio e dor. É preciso chorar. É preciso rugir.

## 03 CHORAR, RUGIR

Freud defende que o luto é um trabalho que não devemos interromper. O luto se completa: é algo finito. Christian Dunker trabalha com a hipótese do luto infinito: o Brasil é um país de lutos interrompidos ou nem sequer começados. Lutos que nunca são trabalhados. Um luto por cima do outro por cima do outro, como uma pilha de corpos que nunca choramos. Para Freud, o luto é um trabalho da memória. Ora, não é preciso pensar muito longe para sabermos como é difícil lidar com a memória no Brasil.

É assim que o livro de Verunsch aparece não só como um romance, mas como um monumento fúnebre. O livro é o trabalho de luto por essas crianças indígenas, levadas como parte da fauna, mortas em terras desconhecidas, expostas como objetos da fria ciência. A voz que narra trabalha a memória. Refaz a memória. Não é apenas uma tentativa de resgate daquilo que se perdeu – é também uma tentativa de invenção. Manter o mesmo infeliz destino, mas tentar, no impossível salto entre realidade e ficção, no salto do tempo, no salto do desconhecimento, uma nova forma de contar a tragédia. Sim, essa voz chora – mas ela também rugir.

A vingança é elemento fundante da obra: a onça que espia Spix e Martius na hora em que ambos morrem. É pouco, não é nada, são palavras contra o mal feito no real. Mas é a possível impossível vingança na letra. Freud trata da fantasia como matéria do poeta: o que a literatura permite é que essa fantasia transcenda o status de “fantasia individual”. Escrita pelas mãos da poeta, a fantasia se torna coletiva. Partilho do seu desejo de vingança, partilho do rugido da onça, partilho da vontade de ferir melhor. Pela mistura de vozes narrativas – ou talvez pela sua intensificação; no começo ainda mais próxima do humano, ao final, transfigurada na voz da onça que logo irá nos deixar, mas que paira ameaçadora; é possível ir do luto desmedido e entristecido à fantasia da vingança. Ou não só ir de um para o outro, mas lê-los juntos, indissociáveis. A perda e a revolta da perda. O pouco que a ficção pode, em matéria de vingança, ela muito pode em matéria de trabalho de luto: agora, além de rugir, podemos chorar. Podemos imaginar uma dimensão outra para Iñe-e, mas podemos também guardar conosco a memória das crianças indígenas, sem nome, distantes do lar, mas parte do que é o Brasil.

## REFERÊNCIAS

- DUNKER, Christian. **Teoria do luto em psicanálise**. Pluralidades em Saúde Mental, Curitiba, v. 8, n. 2, p. 28-42, 2019.
- \_\_\_\_\_. **Lutos finitos e infinitos**. São Paulo: Planeta do Brasil, 2023.
- FREUD, Sigmund. O poeta e o fantasiar. In: DUARTE, Rodrigo (org.). **O belo autônomo: textos clássicos de estética**. 2. ed. rev. Belo Horizonte: Autêntica; Crisálida, 2012.
- \_\_\_\_\_. **Introdução ao narcisismo: ensaios de metapsicologia e outros textos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- VERUNSCHK, Micheline. **O som do rugido da onça**. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.